

Para muitos, sistema de ensino brasileiro é culpado pelo resultado desastroso

Outra questão levantada pelos jogadores é a educação pelo aspecto político. O Vice-Reitor Acadêmico da Pontifícia Universidade Católica (PUC), padre Antônio Amaral Rosa, acredita que esse é um problema constante no Vestibular, especialmente em provas discursivas e que o mau resultado é decorrente de uma única causa: a educação não é levada a sério no País.

Padre Antônio teceu críticas a uma longa tradição no Brasil que, em sua opinião, é a de trocar os titulares da Pasta de Educação de maneira constante. A descontinuidade da educação e a falta de uma tradição histórica no Brasil da República no que se refere à educação são as causas de diversos problemas:

— Pode-se observar — diz o Vice-Reitor da PUC — ao longo da história que a educação não tem prestígio político. Pela educação não se briga muito e ainda há a questão das verbas. Num país onde se está tentando queimar etapas de desenvolvimento, deveria haver mais preocupação com a educação, tanto no que se refere a uma orientação pedagógica

quanto ao que se trata de remuneração do professorado. Tanto em países capitalistas como nos socialistas, o professor ganha bem e temos, no Brasil, uma péssima estatística: aqui são pagos os piores salários para o magistério, tirando do professor a oportunidade de poder dedicar-se integralmente à sua profissão.

Padre Antônio cita como exemplo o fato de uma pessoa pagar por uma corrida de táxi, às vezes, mais de Cz\$ 100, enquanto um professor recebe, quando muito, Cz\$ 70 por uma hora de aula. "Neste País — completa — educação é gasto e não investimento". A tese do Vice-Reitor Acadêmico da PUC é demonstrada nos dados estatísticos atuais, que mostram uma evasão de estudantes dos cursos de Letras e Pedagogia. Atualmente, esse percentual chega a 70 por cento, o que tem esvaziado as salas de aulas das universidades.

O Presidente do Sindicato dos Professores, Robespierre Martins, reclama do abandono em que se encontra o ensino brasileiro. Para ele, o professor não tem tempo atualmente sequer de especializar-se e poder au-

mentar e atualizar seus conhecimentos.

— Não há incentivo à pesquisa, principalmente no campo científico e os métodos acabam sendo os mais antigos possíveis.

Além disso, Robespierre levanta a questão da imensa quantidade de escolas particulares que, em sua opinião, levam o ensino para o campo da comercialização, ficando em primeiro lugar para os donos de escolas o lucro e não a qualidade do ensino.

Nesta ciranda, quem sofre é o aluno, afirma o professor Horácio Macedo. E William Alberto, Secretário geral da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Ames), pede ao Governo que destine pelo menos 13 por cento do seu orçamento anual a investimentos na educação. Para ele, se existe um problema específico no método de ensino do professor, este decorre da má remuneração do magistério, o que é sentido todos os dias pelos estudantes que freqüentam escolas públicas e particulares no Rio de Janeiro.

A variedade de opiniões dos educa-

dores ao analisar o fracasso dos candidatos na segunda etapa do Unificado-87 sugere que a educação brasileira seja tratada com muito carinho pela Assembléia Nacional Constituinte. É isto tem que ser pensado e reivindicado já, diz o Presidente do Conselho Federal de Educação, Fernando Fonseca. Em sua opinião, é urgente repensar a educação brasileira:

— Este ano vai se delinear toda uma nova fisionomia jurídica institucional deste País e neste panorama tem que haver um lugar para a educação. O magistério tem que ter voz, falar e opinar. Há uma tendência de se deixar para outros a resolução de um problema que é nosso — alertou.

Para Fernando Fonseca, nesta discussão também deve entrar a família. Ele acha que atualmente a família está se demitindo do papel de educadora e deixando esta responsabilidade unicamente para a escola. E para que haja uma mudança efetiva, é necessário que a família tenha participação no processo educacional

dos seus filhos.

Sua idéia é apoiada pelo Vice-Reitor Acadêmico da PUC, padre Antônio Amaral, que nota nos alunos de hoje a falta da leitura. "Não há gosto pela leitura, nem pelo estudo propriamente dito. O estudante estuda pouco, não tem incentivo e não encontra nas escolas quem trabalhe com ele matérias como redação, dissertação e descrição. Há pouca exigência, aliada ao fato de que o tempo de aula neste País está cada vez mais curto".

Segundo dados da PUC, em 365 dias, somente 160 são reservados para o aprendizado. Contando-se feriados e períodos de férias, o ano letivo é mínimo e sem incentivo ao estudo, as consequências tornam-se claramente negativas.

Aurélio Wander Bastos, Delegado do MEC no Rio de Janeiro, acha que o Vestibular-87 pode ter trazido uma consequência positiva:

— Agora, talvez, seja aberta uma grande discussão sobre o tema educação para que se possa unir todos esses questionamentos e reivindicações.